



SUMÁRIO

35250 - QUE PROFESSOR DE PORTUGUÊS QUEREMOS FORMAR? (Uma análise das provas que contratam professores de português para lecionarem na educação básica)	
Larissa Martins Pedro, Carlos Arcângelo Schlickmann ¹	2
35313 - REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA LINGUAGEM LITERÁRIA EM AUSTIN	
Vivian Miranda Cypriano, Fernanda Cizescki ¹	3
35385 - ANÁLISE DISCURSIVA DO ETHOS DE PROFESSOR NO FACEBOOK	
Beatris Pizzoni de Freitas ¹ , Richarles Souza de Carvalho ²	4
35525 - ANÁLISE DIACRÔNICA DO VERBO IR NA FORMA SINTÁTICA E MORFOLÓGICA EM TEXTOS JORNALÍSTICOS	
Raíne Fogaça da Silva ¹ , Isadora Silveira Ramos ² , Taiane Fernandes Cristão ³	5

Resumo de pesquisa (concluído)

35250 - QUE PROFESSOR DE PORTUGUÊS QUEREMOS FORMAR? (Uma análise das provas que contratam professores de português para lecionarem na educação básica)

Larissa Martins Pedro, Carlos Arcângelo Schlickmann¹

¹ Grupo de pesquisa Littera – Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

A presente pesquisa tem como intuito analisar as questões da prova realizada para professores em regime de ACT (Admissão em Caráter Temporário) da cidade de Criciúma, buscando verificar quais os problemas ali encontrados no que diz respeito aos conteúdos abordados e o que isso influencia no ensino real do português. É fato que o ensino de Língua Portuguesa no Brasil vem passando por uma série de mudanças desde que se efetivou como disciplina escolar e, junto com a sua evolução, muitos são os teóricos que escrevem sobre a melhor maneira de ensinar português para pessoas que já o falam. É certo que esses estudos devam contribuir, de alguma forma, para a prática de sala de aula. Portanto, a partir dessa pesquisa, busca-se comparar os conteúdos exigidos do professor na prova com esse material, fazendo um parâmetro do professor sugerido pelo teste e do sugerido pelos teóricos. Assume-se, assim, que apesar de essas questões exigirem o conhecimento diretamente do professor, e não aquilo que será de fato ensinado aos alunos, há uma grande relação entre o que é posto na prova e o que se espera que um professor de português ensine em suas aulas. Isso porque essas provas não servem apenas para medir o conhecimento do egresso, de Letras, mas sim para verificar se ele está pronto para a sala de aula, o que significa que o professor, ao dominar os temas abordados, está apto para lecionar (provavelmente o que ali é requisitado). Essa análise das provas foi feita mediante os quatro tópicos de ensino propostas por Irandé Antunes (2003): a leitura, a escrita, a gramática e a oralidade; por isso, as questões foram separadas conforme essas categorias e estudadas sobre um viés interacionista, em que se verificou a qualidade, a viabilidade e a relevância de cada questão. Entretanto, o que é perceptível é que as questões, além de serem fracas em conteúdo, não estão em concordância com o que os teóricos da área dizem sobre o ensino e que outras questões que mediriam com muito mais eficácia o conhecimento do professor e a forma como este abordaria os conteúdos com os alunos, numa perspectiva amplamente mais aceita – como a interacionista –, são deixadas de lado. Percebe-se uma grande ênfase dada à nomenclatura gramatical, o que não contribui para o uso produtivo da língua, e uma negligência ao texto, que deveria ser o centro das aulas de português. Questões que concernem ao ensino de leitura e escrita, por exemplo, não são abordadas, estando, em seu lugar, perguntas sobre sequências textuais (com erros conceituais) que apenas exigem do professor o conhecimento de taxionomia. Tampouco é necessária a habilidade de interpretação nas questões textuais, já que cedem espaço para outras perguntas que não o texto em si. Esses e outros problemas fazem com que a prova não avalie com eficácia o professor, abrindo margem para a problematização do que ali é posto.

Palavras-chave: ACT, Testes para professores, Língua portuguesa, Professor.

Fonte financiadora: UNESC e CNPq.

Resumo de pesquisa (concluído)

35313 - REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA LINGUAGEM LITERÁRIA EM AUSTIN

Vivian Miranda Cypriano, Fernanda Cizescki¹

¹ Grupo de Pesquisa Littera – Curso de Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

O presente trabalho é parte de uma pesquisa recém iniciada no PIBIC, cujo objetivo é caracterizar e problematizar as diferenças entre linguagem literária e linguagem ordinária nos estudos de Austin no intuito de entender de que forma isso influencia em sua concepção geral de linguagem tanto no que concerne ao lugar da linguagem escrita, quanto ao da linguagem falada. A ideia decorre do fato que há diversas teorias sobre o que seria a linguagem, mas a Linguística, em especial e de maneira geral, visa a língua falada, pois, defendem eles, assim é possível analisar a língua viva em sua constante mudança. Em partes, isso decorre da ânsia por determinar um objeto de estudo e delimitar seu campo estudo, para assim, entender a linguagem a partir de um ponto de vista científico. Veja que, de acordo com Lyons (1979, p. 39), “a língua falada vem primeiro e que a escrita é essencialmente um processo de representar a fala em outro meio.”, ainda assim “[n]enhum sistema gráfico representa todas as variações significativas de entoação e de acento que aparecem nos enunciados; as convenções de pontuação [...] constituem, quando muito, um meio indireto e imperfeito de suprir essas deficiências.” (LYONS, 1979, p. 40). Essa concepção de centralidade da fala culminou na teoria dos atos de fala de Austin, que possui a base teórica inserida no campo da Pragmática, e trata da linguagem em uso, ou seja, o caráter performativo. Porém, Derrida (1991) questiona a (não) definição austiniana sobre a não-seriedade de alguns dos usos da linguagem (entre eles o literário) e (2013) problematiza a cientificidade da Linguística na medida em que se pauta na centralidade fonológica. Partimos, então, de uma reflexão das concepções de linguagem subjacentes à teoria pragmática de Austin, mas para estendermos as reflexões e entendermos criticamente o pensamento austiniano, desenvolvemos um contraponto a partir da crítica ao fonocentrismo desenvolvida por Derrida, em seu “Gramatologia”. A partir do desenvolvimento dessas reflexões, essa pesquisa visa defender a necessidade de um entendimento mais claro e preciso sobre o lugar da escrita e da linguagem literária enquanto parte integrante, ativa e constitutiva da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem Literária, Austin, Linguística, Derrida, fonocentrismo.

Fonte financiadora: UNESC

Resumo de pesquisa (concluído)

35385 - ANÁLISE DISCURSIVA DO ETHOS DE PROFESSOR NO FACEBOOK

Beatris Pizzoni de Freitas¹, Richarles Souza de Carvalho²

¹ Grupo de Pesquisa sobre Letramento e Discurso, curso de Letras, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

², Grupo de Pesquisa sobre Letramento e Discurso, docente na Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

O presente trabalho objetiva apresentar a análise do *ethos* discursivo de professor em publicações e comentários coletados no Facebook em determinadas páginas, no período de junho de 2016 a março de 2017. Buscamos estabelecer um referencial teórico, fundamentado nos pressupostos da Análise do Discurso para, posteriormente, construir uma análise de modo descritivo e analítico dos materiais coletados. A pesquisa demonstrou diferentes imagens de professor, percebendo as similaridades identitárias e discursivas que corroboram para formação de estereótipos de um profissional passivo e docilizado. A presente proposta de pesquisa está inserida nas atividades do Grupo de Pesquisa sobre Letramento e Discurso, do curso de Letras da UNESC, a qual objetivou apresentar a análise discursiva do *ethos* do professor em publicações recolhidas no *Facebook*, buscando assim, observar concepções estereotipadas sob a profissão, juntamente com a sua aceitação social, por meio da análise de alguns comentários dessas postagens. O estudo do material foi realizado à luz dos pressupostos da Análise do Discurso e a fundamentação embasada a partir da construção de um referencial teórico sobre essa abordagem, que se ocupa em estudar as mais diferentes discursividades da contemporaneidade. Em relação aos resultados, os mesmos apresentaram um notável padrão na formação do *ethos* discursivo do professor, que, apesar de estar constantemente rodeado por discursos de progresso e de modernização, ainda há a veiculação de uma imagem consideravelmente passiva, no qual, o professor, ainda cumpre um papel de educador docilizado, acabando por interligar sua profissão às virtudes e morais historicamente marcadas pelo comodismo, veiculando-as em uma cenografia de cunho tradicional. Por fim, notamos que as imagens propagadas muito se afastam de uma política real de valorização do profissional docente, onde as verdadeiras vozes e identidades dos professores encontram-se silenciadas.

Palavras-chave: Discurso, estereótipos, docente, identidade

Fonte financiadora: Programa de Iniciação Científica - PIC 170

Referências:

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2.ed.1.reimp. São Paulo: Contexto, 2015. 285 p.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da análise de discurso no Brasil**. *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras: Universidade Federal de Santa Maria*, Santa Maria, v. 27, n. 3, p.39-46, dez. 2003. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/648/showToc>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Resumo de ensino (concluído)

35525 - ANÁLISE DIACRÔNICA DO VERBO *IR* NA FORMA SINTÁTICA E MORFOLÓGICA EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Rainne Fogaça da Silva¹, Isadora Silveira Ramos², Taiane Fernandes Cristão³

¹ Curso de Letras Língua Portuguesa, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

² Curso de Letras Língua Portuguesa, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

³ Curso de Letras Língua Portuguesa, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Brasil.

O presente trabalho foi requisito para o cumprimento da disciplina de Morfologia e Sintaxe Histórica da terceira fase do curso de Letras, na Unesc. Utilizando uma perspectiva diacrônica, o artigo científico analisou o verbo *IR* e suas mudanças na Língua Portuguesa, mais especificamente, no período clássico dela, dando enfoque para três séculos diferentes: XVIII, XIX e XX. Sabe-se que a língua é um organismo vivo e que está em constante desenvolvimento, de modo que a Linguística Histórica é a ciência responsável por estudar tais mudanças no tempo. De acordo com Gabas Junior (2001) e Faraco (2005), as mudanças ocorridas com o verbo *ir* em sua forma sintática e morfológica são classificadas como mudanças gramaticais por suscitarem modificações no sistema gramatical da língua. Com isso, em um primeiro momento, partiu-se da definição do conceito de gramaticalização para realização de pesquisas bibliográficas e qualitativas sobre os diferentes usos de tal verbo nessas duas formas, logo após, dados foram extraídos de textos jornalísticos datados de diferentes períodos, o que possibilitou a análise comparativa e a verificação daquilo que foi posto no referencial teórico. Desse modo, o artigo trabalhou com três jornais distintos, *Regeneração*, pertencente à província de Santa Catarina, *A Liberdade e Tribuna Negra*, ambos do estado de São Paulo. Por fim, atentando para o surgimento de perífrases constituídas do verbo *ir* e, conforme Strogenski (2013), para o sentido de futuridade que elas podem exprimir, a pesquisa se mostrou viável por promover uma melhor compreensão dos estudos linguísticos e por levantar questionamentos e hipóteses acerca de uma possível substituição do futuro do presente pelas perífrases, e por consequência, uma substituição do futuro do pretérito.

Palavras-chave: Perspectiva diacrônica; verbo *IR*; textos jornalísticos; morfologia; sintaxe.

Referências:

FARACO, Carlos Alberto. A linguística histórica é uma disciplina científica. In: FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005. p. 91- 127.

GABAS JR., Nilson. Linguística Histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à Linguística I**: Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 77-103.

STROGENSKI, Maria. **Uma análise diacrônica do verbo *ir* e suas diferentes significações no português do Brasil**. Curitiba, 2013.